

O menino que não sabia brincar

Quando o menino nasceu, a família fez muita festa.

Todos ficaram felizes e celebraram o seu nascimento como o mais importante momento das suas vidas.

Para o pai, acabara de chegar o seu herdeiro, aquele que iria levar adiante o nome da família. A mãe, por sua vez, nunca tinha visto nada tão lindo ao quem devotar o seu amor.

Quando a criança foi batizada, deram-lhe o nome do pai, acrescido do nome do avô materno. Nesse nome estavam as esperanças de que a criança pudesse tornar-se um médico de renome ou um advogado de sucesso, como aqueles de quem herdara os nomes.

Por isso mesmo, ainda pequeno, o menino ganhava brinquedos que pareciam indicar-lhe o caminho dos hospitais ou dos tribunais...

Os livros que lhe liam sempre contavam histórias de doutores ou de juízes e advogados.

Quando ele entrou na escola, os professores da educação infantil já sabiam do futuro que aguardava aquela criança e comprometeram-se a exigir bastante dele.

Esse menino tinha sempre que superar todas as expectativas e ser o melhor... Na escola, no desporto, nas aulas de inglês, no curso de informática...

Com 8 anos de idade, quando ainda estava nas séries iniciais da escola, ele já sabia inglês, informática, equitação, piano...

Acumulou medalhas. Teve as melhores notas. Foi sempre o primeiro da turma de inglês. Tocava piano como os melhores músicos do mundo.

Tornou-se um dos melhores casos da história dos exames de admissão nas universidades.

Para satisfação do pai e tristeza do avô, decidiu tornar-se advogado.

Quando concluiu o curso, ainda muito jovem, ingressou nos melhores escritórios de advocacia e foi aprovado em todos os concursos como o melhor jovem advogado do país.

Todos se orgulhavam muito dele. Sua mãe era só elogios. Seu pai preparava o escritório do mais promissor defensor da Lei que todos conheciam. Até os avós, que queriam que ele fosse médico, reconheciam o seu talento nato para as leis.

O que ninguém entendia era que o jovem nunca sorria.

Ele tinha sempre um semblante entristecido.

Os seus olhos, apesar de todos os sucessos, demonstravam toda a infelicidade do mundo.

Com tantos resultados positivos, elogios, vitórias e sucessos, ninguém conseguia entender ao certo o motivo de seu olhar sério, triste, desolado...

O que ninguém sabia era que as esperanças de sucesso nele depositadas geraram uma intensa e eterna cobrança...

Errar ou falhar não constavam de seu dicionário. Ele tinha que mostrar-se superior e, para isso, tivera que se preparar em período inteiro...

Aquele menino nunca pudera realmente brincar...

Ele nunca aprendera a divertir-se. O seu pai nunca o levava a andar de bicicleta ou a jogar bola.

Jogar ao pião ou brincar às escondidas eram mistérios para ele. Histórias de fadas, castelos, dragões, foguetes ou heróis não fizeram parte de sua infância.

Aquele menino nunca subira a uma árvore, pois isso contrariava as leis.

Ele também jamais fizera qualquer coisa perigosa ou proibida, como ir para a casa de um amigo sem autorização, já que isso atentava contra as regras...

O que ninguém sabia era que aquele menino de tantos sucessos e de tão triste sorriso chorava todas as noites, pois sentia-se só, infeliz, diante de tantas cobranças, pressionado pela necessidade de que o seu sucesso fosse eterno...

Um dia, já advogado formado e de sucesso, conheceu uma bela jovem e apaixonou-se...

Mas nem ela conseguia fazê-lo sorrir e sentir-se feliz...

Foi então que ela descobriu os motivos da sua tristeza e, no primeiro aniversário que passaram juntos, depois de se terem casado, deu ao jovem um avião, um carrinho e uma bola...

Sem nada entender, ele estranhou o presente. Ela, porém, sentou-se no chão e brincou por horas e horas com cada uma daquelas surpresas que trouxera para o jovem marido.

Ao final daquele período, extasiado por uma situação nova na sua vida, ele chorou, emocionado, e sorriu com um brilho nunca antes visto por ninguém, nem mesmo por sua amada...

Afinal, já adulto, aprendera a brincar...

Ainda a tempo de ser menino...

Ainda a tempo de poder brincar com o filho que, dentro de pouco tempo, iria chegar... E para o qual ele tinha guardado toda a felicidade e os sorrisos que nunca dera a ninguém até àquele momento...

João Luís de Almeida Machado¹ (texto adaptado)

¹ Doutor em Educação pela PUC-SP; Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP); Professor Universitário e Pesquisador; Autor do livro "Na Sala de Aula com a Sétima Arte – Aprendendo com o Cinema" (Editora Intersubjetiva).